

A ORIGEM DO TERROR NO CINTURÃO DE MOCIMBOA DA PRAIA

“Um Fenômeno com Raízes do Tempo de Penetração Mercantil que Recrudesce hoje”



CARLOS AUGUSTO

2018

Índice

Introdução.....	1
CAPITULO 1: ENQUADRAMENTO TEORICO E CONCEPTUAL DO TERRORISMO	3
1.1 Enquadramento do Conceito Terrorismo	3
1.2 Principais Teorias do Terrorismo	5
1.2.1 Teorias Micro psicológicas	5
1.2.2 Teorias Micros de sociologia	6
1.2.3 Teoria Macros das Relações Internacionais	6
CAPITULO 2: BREVE ANALISE DO TERROR NO CINTURÃO DE MOCIMBOA DA PRAIA	9
2.1 Primeiros Ataques	9
2.2 Causas do Terrorismo no Cinturão de Mocimboa da Praia	10
2.2.1 Causas Geoestratégicas	10
2.2.2 Causas Étnicos-Religiosas.....	12
2.2.3 Políticos.....	13
2.2.4 Económicos	15
2.2.5 Fragilidade Institucional do Estado.....	16
2.3 Consequências do Terror no Cinturão de Mocimboa da Praia.....	17
2.3.1 Segurança Humana.....	17
2.3.2 Segurança Económica	17
2.3.3 Segurança Nacional.....	18
2.4 Ofensiva das Forças Armadas de Defesa e Segurança contra o Terror.....	18
CAPITULO 3: A ORIGEM DO TERROR NO CINTURÃO DE MOCIMBOA DA PRAIA	20
3. 1: Período de Penetração Mercantil	20
3.2 Período Colonial.....	22
3.4 Período Pós-independência	23
Conclusão	27

Bibliografia.....	29
-------------------	----

Dedico a todos homens, mulheres, e crianças que na inocência
são vítimas da penetração mercantil de ontem, e de hoje no
Cinturão de Mocimboa da Praia

Introdução

O artigo tem como objectivo principal compreender as reais origens do terrorismo no Cinturão de Mocimboa da Praia. Os ataques começaram no dia 5 de Outubro de 2017, e desde então o movimento não para de desencadear ataques armados, ou militares contra as posições das Forças Armadas de Defesa e Segurança (FADS), e também ataques contra alvos civis. Na verdade o terror no Cinturão de Mocimboa da Praia não é de hoje, pois há vestígios de terror desde o período de penetração mercantil, até no período pós-independência. Entretanto, o ingrediente comum que impulsionara o terror em todos estes períodos, tem a ver com o capitalismo económico global, e não necessariamente a religião, aliás a religião apenas desde muito foi usado como instrumento dos mercantilistas, e capitalista árabes, portugueses, e hoje na época de pluralismo económico e político global.

Neste último período, o terror apenas enquadra-se num contexto de prospecção de gás natural. Enquanto nos períodos passados, enquadrava-se no contexto de procuras de novos mercados para a troca de escravos, ouro e marfim. Enquadra-se no contexto da descoberta de jazigos de gás natural no Cinturão de Mocimboa da Praia, em partícula na Bacia de Rovuma em 2011, e nos anos seguintes a exploração de Rubi de Montepuez, e grafite de Balama. Ademais, o terror de hoje apenas vem dar continuidade ao terror das épocas de penetração mercantil nos séculos XI/XV até ao período de ocupação efectiva no século XIX.

Assim sendo, a pesquisa é lida a luz dos factos apresentados o ambiente empírico, que não é fácil, tendo em conta o presenciamento do fenómeno. Na falta destes a leitura do trabalho é a luz de varias teorias explicativas de violência politica, em particular o terrorismo. As teorias usadas são teorias micro comportamentais de psicologia, como a de privação relativa, a teoria de frustração agressão, assim como as teorias micros de sociologias, e macros teorias das Relações Internacionais. Aliados a estes instrumentos teóricos, são usados para desenvolver este trabalho, o método histórico, para analisar os factos passados, e do presente sobre o terror no Cinturão de Mocimboa da Praia, as técnicas documentais, como artigos, e livros que explicam este fenómeno.

O trabalho é constituído pela presente introdução, um desenvolvimento, conclusão e um referencial bibliográfico. Em relação ao desenvolvimento, no primeiro capitulo fez-se enquadramento das principais teorias sobre o terror, e definiu-se o conceito terrorismo, e fundamentalismo.

No segundo capítulo, estuda-se a ascensão do terror na região, onde se percebe as causas, consequências, e as acções das FADS para combater este movimento. Por fim, no ultimo capítulo, estuda-se as reais origens do terror no cinturão de Mocimboa da Praia

CAPITULO 1: ENQUADRAMENTO TEORICO E CONCEPTUAL DO TERRORISMO

Neste capítulo define-se o conceito terrorismo, e fundamentalismo. Depois se faz enquadramento das principais teorias usadas no trabalho.

1.1 Enquadramento do Conceito Terrorismo

Terrorismo

O terrorismo é a dominação pelo terror. Essa dominação verifica-se em actos violentos cujo fim é semear o terror. O terrorismo, por conseguinte, procura coagir e pressionar os governos ou a sociedade em geral para impor os seus apelos e as suas proclamações (Dicionário Consulta de, 2017¹).

O terrorismo pode ser exercido por diversos tipos de organizações sociais ou políticas, tanto da direita como da esquerda. Este tipo de acções pode até ser exercido por grupos pouco organizados. A violência política do terrorismo desenvolve-se fora do contexto de uma guerra. Por isso, combater o terrorismo e levar os terroristas a tribunal são tarefas muito difíceis para um governo (*ibid*).

O Terrorismo é a acção de provocar terror nas pessoas através do uso da violência física ou psicológica, com o intuito de intimidar uma sociedade e impingir ideologias fundamentalistas, sejam elas políticas, religiosas, económico ou de outra natureza. Os ataques terroristas tem o propósito de amedrontar o povo ou o governo e, por norma, são baseados em questões religiosas ou políticas extremistas. Os indivíduos que são defensores dessas ideologias e que praticam o terrorismo são chamados de terroristas (Dicionario Significado, 2017²).

Os terroristas agem com base na intolerância, ameaçando os indivíduos que não compartilham da mesma visão de mundo que eles. Como meio de atingir os seus objectivos, os terroristas usam de variados ataques violentos, metódicos e organizados, visando desestabilizar a sociedade vigente.

¹ Dicionario Consulta (2017): Conceito Terrorismo <https://conceito.de/terrorismo>, consultado no dia 1 de Janeiro de 2018.

² Dicionario Significado (2017): <https://www.significados.com.br/terrorismo/>, consultado no dia 1 de Janeiro de 2018.

Neste trabalho terrorismo, ou terror , assume-se o como sendo uma tática ou método para provocar terror nas pessoas, comunidades locais, o governo, e a sociedade no geral através do uso da violência física ou psicológica, com o intuito de intimidar uma sociedade e impingir ideologias fundamentalistas, sejam elas políticas, religiosas, económico ou de outra natureza.

Fundamentalismo

Fundamentalismo é à intolerância e acções violentas praticadas por pessoas que, mais do que propriamente preocupadas com os fundamentos de determinada religião, económicos, e políticos (Fernandes,2016³).

Fundamentalismo são atitudes de pessoas preocupadas com os fundamentos, preceitos e ideológicos de uma determinada religião , assim como interesses políticos, e económicos de um grupo tirando-as do mero campo dos debates, e negociações, partindo para a intolerância e violência. Qualquer grupo religioso, étnico, político, e económico que usa violência ou intolerância são considerados como fundamentalistas (Silvestre, 2017⁴).

Esses grupos, denominados fundamentalistas, encontram-se inseridos dentro das maiores religiões praticadas no mundo – Islamismo, Judaísmo e Cristianismo. Sendo disseminadores de concepções radicais, preconceitos e da intolerância entre grupos religiosos. Assim como político e económicos, culminando, nos piores cenários, com a prática de violência contra outros grupos.

Neste trabalho assume-se o Fundamentalismo na visão multidimensional do próprio termo, pois define-se como à intolerância e acções violentas praticadas por pessoas que, mais do que propriamente preocupadas com os fundamentos de determinada religião, mas também interesses económicos e político. Deste modo, o fundamentalismo pode ser religioso, político e económico.

³ Fernande, Claudio (2016): <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/filosofia/fundamentalismo.htm>, consultao no dia 2 de Janeiro de 2018.

⁴ Silvestre, Armando (2017): Fundamentalismo<https://www.infoescola.com/religiao/fundamentalismo/>, consultado no dia 4 de Janeiro de 2018

1.2 Principais Teorias do Terrorismo

1.2.1 Teorias Micro psicológicas

Dollard (teoria da frustração-agressão: a agressão como reacção à frustração). Segundo Dollard, a agressão seria provocada pela frustração. Quando o sujeito não conseguia atingir os objectivos pretendidos, recorria à agressão. As teorias sobre a agressão podem considerar que grande parte da agressividade humana é inata, como pensavam Lorenz e Freud, ou que o comportamento agressivo é adquirido, aqui representados por Dollard e Bandura. A sistematização teórica Considera dois conceitos básicos para sua explicação.

A teoria de privação relativa, É um sentimento de descontentamento que surge da percepção de que estamos a ser privados de algo a que teríamos direito, sobretudo algo que percebemos que outros indivíduos ou grupos com os quais nos comparámos possuem. Esse ‘algo’ pode significar o salário ao fim do mês, a posse de bens materiais, o reconhecimento das nossas capacidades. Este sentimento de privação é denominado de ‘relativo’ porque surge precisamente por comparação com a situação de indivíduos ou grupos de referência (Pastore, 2017⁵).

A probabilidade de acções violentas aumenta quando há privação relativa descendente, ou seja, quando as pessoas perdem *status*. Nesse caso, a frustração surge da comparação da situação actual com a passada. Por exemplo, a perda de emprego e a dificuldade de arranjar outro na recessão provoca enorme desconforto, marcado por um sentimento de indignidade e humilhação. Para muitos, isso é intolerável e os leva a agir. Os que perdem o que têm costumam ficar muitos mais raivosos do que os que perdem a esperança de alcançar o que nunca tiveram.

As teorias micro comportamentais de psicologia são usadas neste trabalho para compreender o que leva as pessoas a exercer a violência política, como o terrorismo contra o governo, e a sociedade no geral. Portanto, no decorrer do trabalho são usados os pressupostos destas teorias para perceber como a frustração, e privação relativa pode levar a agressão, e consequentemente aos terrorismos de pessoas, que antes eram consideradas não sendo violentas.

⁵ Pastore, Jose (2017): As Elites e as Massas no Brasil, http://www.josepastore.com.br/artigos/pi/pi_024.htm, consultado no dia 5 de Janeiro de 2018.

1.2.2 Teorias Micros de sociologia

Bandura (teoria da aprendizagem observacional: a agressão como resultado da aprendizagem. aprendemos a magoar os outros) O primeiro conceito é denominado de *instigação*. Instigação são as forças que impelem para o comportamento agressivo e que sem ela o individuo não se comportaria de maneira agressiva. Sua forma básica é o desejo de ferir, mas, pode ser por honra ou dever (Huterrer, 2016⁶).

Segundo Bandura, o comportamento agressivo era aprendido por observação e imitação de modelos. A criança, no seu processo de socialização, imitaria o comportamento dos pais, dos professores e dos seus pares, incluindo os comportamentos agressivos (aprendizagem social). As teorias sobre a agressão podem considerar que grande parte da agressividade humana é inata, como pensavam Lorenz e Freud, ou que o comportamento agressivo é adquirido.

Para fins deste trabalho, as teorias micros de sociologia são usados para estudar como o processo de aprendizagem, e instrumentalização de pessoas para a violência contribui para que grupos, antes tidos como tolerantes, se tornem em movimentos terroristas. Tendo em conta, que se parte de princípio que o homem não é violento por natureza, mas ele aprende a ser violento.

1.2.3 Teoria Macros das Relações Internacionais

O neo-realismo, alguns preferem chamar de realismo, porque de novo não tem nada sistema político internacional é anárquico, composto por Estados formalmente iguais e soberanamente responsáveis pela sua própria segurança, com diferença de poder entre si. Mas a nível doméstico dos Estados, apesar de existir um poder político, há actores não-estatais que procuram prover a sua própria segurança e promover e proteger os seus interesses (Pecequilo, 2004: 132-133).

O (neo) realismo defende que os Estados não estão, a princípio, propensos a solucionar seus conflitos recorrendo a força militar. Dependendo do ambiente estratégico e interesses em causa de um lado os estados e os actores não-estatais podem usar a *hard power*, *softpower* ou então o *smart power*.

Neste trabalho o (neo) realismo é útil, porque ajuda a perceber o ambiente no qual surge o terrorismo em Mocimboa da Praia. No ambiente domestico, apesar de existir uma estrutura

⁶ Hurrer, P (2016): *Teorias sobre Agressao*, <https://ratioetvita.blogspot.com/2016/03/teorias-sobre-agressao.html>, Consultado no dia 3 de Janeiro de 2018.

hierárquica, há sempre correlações de forças entre o governo e outros grupos políticos, económicos e sociais, onde a guerra por vezes pode ser um fenómeno inevitável. A nível do ambiente internacional, os Estados procuram salvaguardar seus interesses, num contexto anárquico, mas também devem ter em conta os interesses de outros actores, que por vezes são incompatíveis, e provocam violência.

Opondo-se ao (neo) realismo, o liberalismo defende que os actores não estatais são entidades importantes na política mundial e nem os únicos referentes de segurança. Portanto, no sistema internacional outros actores tais como, indivíduos, crime organizado, traficantes, as corporações multinacionais, movimento migratório, os grupos terroristas, os comerciantes de armas e os movimentos de guerrilha têm um papel de destaque na dinâmica das relações internacionais, também são referentes de segurança (Oliveira, 2009:68).

O liberalismo é usado neste trabalho para enquadrar este movimento terrorista como um actor nas relações de poder dentro do sistema político moçambicano, e nas relações internacionais. Assim, o Estado moçambicano não é unitário, pela existência de vários grupos que tem forte poder perceptível, e procurar materializar seus interesses a todo custo, e que as vezes nas correlações de forças revelam-se bem organizados, estruturados e poderosos que o próprio Estado.

A teoria de sistema mundo capitalista, e estruturalismo económico global, são também teorias das RI's. Elas defendem que o sistema capitalista para sobreviver depende de guerras nos países em desenvolvimento, pois as guerras permitem a exploração desregulada de recursos naturais, permite ter o controlo absoluto ou relativo destes recursos, e também faz com que os países em desenvolvimento se subordinam politicamente e economicamente aos países desenvolvidos (Machado, 1999:199).

O sistema capitalista em sua expansão mundial produziu os padrões de desigualdade tanto em sua etapa mercantilista como monopolista industrial e financeira até a actual globalização. As desigualdades têm como consequência conflitos armados, entre a elite do centro e da periferia. Existe um centro e uma periferia, onde no centro é caracterizado pela concentração e centralização do excedente económico, e a periferia subdesenvolvida, estes últimos irão lutar para exigir a descentralização e desconcentração de poder do centro. (Machado, 1999:199).

Neste trabalho a teoria estruturalismo económico global, de sistemas capitalista é usado para analisar como as desigualdades económicas, e políticas entre um centro e periferia no Cinturão de Mocimboa da Praia contribui para o terrorismo neste região. Tendo em conta que nesta região se instalou um centro de poder devido a prospecção do gás natural, e emergiu também uma periferia.

As desigualdades são notórias também nos Estados que controlam a exploração de recursos naturais em Mocimboa da Praia. Entretanto, há um centro de Estados, que são donas de todas empresas multinacionais a operar no Cinturão de Mocimboa da Praia, mas também há uma periferia de Estados que não detém acções, ou nenhuma empresa a controlar estes recursos. Assim sendo, a luz destas teorias a periferia de Estados recorrem a violência para desconcentrar e descentralizar este poder do Centro.

CAPITULO 2: BREVE ANALISE DO TERROR NO CINTURÃO DE MOCIMBOA DA PRAIA

Este capítulo analisa os primeiros ataques deste movimento, as reais causas, e consequência, assim como a ofensiva das FADS para combater este movimento.

2.1 Primeiros Ataques

A primeira vez que Mocimboa da Praia foi atacada foi no dia 5 de Outubro de 2017. Desde então, o distrito sofre ataques. Mas o dia 5 de Outubro não é o marco de nascimento deste movimento, pois a sensivelmente 8 anos começou a se instalar na região norte do país, mesquitas e escolas islâmicas. Pais e encarregados de educação enviam seus filhos para estas organizações com o objectivo de proporcionar uma educação digna dos seus filhos. Entretanto, alguns membros da Comunidade Islâmicas alertaram as autoridades para investigar os reais interesses destes segmentos, dado que irradiam ideologias radicais (Augusto, 2018:2).

A propaganda é um dos modos operando deste movimento. Este movimento usa os princípios pautados no islão para consciencializar e socializar as populações por onde eles passam. Eles inculcam os seus membros a recusarem a autoridade do Estado, não aceitam não existe ser supremo, a não ser Ala (deus). Os membros são submetidos dias e horam em processo de recitação, e lavagem cerebral com vista a apropriarem-se das ideologias defendida por movimento

No dia 12 de Outubro de 2017, veio ao público mais um ataque, mas desta vez na aldeia de Maculo, no distrito de Mocímboa da Praia. Estes ataques fizeram onze mortos, entre eles quatro polícias. Os ataques armados ocorreram quando as FADS realizavam uma patrulha nos bairros e potencias rotas usadas pelos membros de movimento. Deste modo, o movimento tirou a vida de quatro polícias e, sete elementos do grupo que atacou as forças de segurança perderam a vida.

A tática de terror, também denominada por terrorismo, consiste em desencadear acções armadas para infringir danos físicos e psicológico a um determinado alvo. Em relação aos danos psicológicos, a tática de terror visa causar medo excessivo e fragilizar o adversário. Em relação aos danos físicos, a tática de terror visa causar dor e tirar a vida do alvo. Deste modo, o movimento usa a tática de terror para causar danos psicológicos e físicos

Ainda mais, no dia 29 de Novembro de 2017, o movimento voltou a atacar. Antes do ataque pensava-se que a ordem, segurança e tranquilidade públicas pareciam ter regressado a Mocimboa da Praia. Assim sendo, estes ataques significam que o movimento já havia a muito preparado a logística em armamento e outras capacidades, bem como estudado o terreno para desencadear ataques a postos policia, e alvos civis.

As posições deste movimento são irregulares, e atacam alvos isolados, sem grande poder bélico. Normalmente, a tática de guerrilha é usada quando existe assimetria de capacidades entre partes conflituantes, onde a parte que tem capacidades relativamente inferior evita um confronto longo e directo com a outra parte com capacidades relativamente superiores. Deste modo, o movimento evita confrontos longos e evita atacar posições onde as FADS têm capacidades relativamente superiores.

2.2 Causas do Terrorismo no Cinturão de Mocimboa da Praia

As causas são estruturadas em, geoestratégicas, etno-religiosas, económicas, políticas e fragilidades do Estado.

2.2.1 Causas Geoestratégicas

Os ataques no Cinturão de Mocimboa da Praia acontecem um contexto decisivo de prospecção e edificação da indústria petrolífera na Bacia de Rovuma (Hofmann e Martins, 2012:2). Neste Cinturão é notório ver recursos naturais como Rubi, localizado em Montepuez, no distrito de Nhamamonbire. Neste contexto , pressupõe-se que tem como interesse controlar os recursos naturais e energéticos localizados neste espaço. Ademais, estes recursos estratégicos são factor de aumento de vulnerabilidades e ameaças ao terrorismo.

As multinacionais estão a actuar na exploração da bacia de Rovuma na costa de Cabo Delgado, região situada no Cinturão de Mocimboa da Praia. Somente a Anadarko planeia investir 1,8 mil milhões de dólares americanos até ao visado início da produção de gás líquido em 2018. No total, parte-se do princípio de que serão investidos cerca de 90 mil milhões de dólares americanos nos próximos anos. As companhias petrolíferas Anadarko e ENI projectam construir uma central conjunta de gás natural liquefeito (LNG), orçada em \$50 mil milhões na província de Cabo-Delgado (Hofmann e Martins, 2012:2).

A existência de gás natural no Cinturão de Mocimboa da Praia, é uma causa geoestratégica do terrorismo. Estes recursos por serem importantes para a economia nacional, regional, e global atraiu apetites de vários grupos, tendo em conta que são escassos, e não são

encontrados em qualquer parte da terra. Como forma de pressionar, ou controlar estes recursos optaram em usar a via armada. Ademais, normalmente estes grupos já mantiveram algum tipo de relação pacífica, e cordial com as autoridades, e manifestam o interesse de autodesenvolver-se através de exploração deste recurso, mas a via negocial, não surtindo efeito, incorrem a violência.

O simples facto, de existir implantação de indústrias petroquímicas no Cinturão provoca desigualdade dentro do Cinturão de Mocimboa da Praia, a nível do Estado moçambicano, e também desigualdades económicas e políticos na arena internacional. As desigualdades dentro de Cinturão de Mocimboa da Praia, deve-se ao facto deste recursos criar uma elite do centro, e excluir outras elites para a periferia, provocando o sentimento de privação relativa, e frustração destes grupos marginalizados. Como consequência, os grupos da periferia, que emergem nestas comunidades locais ao longo do Cinturão vem-se frustrados, não tendo alternativa optam em terrorismo para desconcentrar e descentralizar este poder do centro.

As desigualdades na exploração do gás natural também abrangem alguns actores dentro do sistema estatal moçambicano no geral. A Exploração de gás natural no cinturão de Mocimboa da Praia, inevitavelmente criou uma elite do centro, e outra da periferia. Entretanto, a elite do centro que normalmente controla as acções destes recursos, concentra e centraliza o poder económico, por sua vez o grupo da periferia não tem quase nenhuma capital investido nesta região, e como consequência disto, a elite da periferia se organiza negocia com o governo, ou usa a força armada para desconcentrar, e descentralizar este poder das elites do centro.

Em relação as desigualdades na arena internacional influenciada pela exploração de recursos naturais na Cinturão de Mocimboa da Praia, observa-se pelo facto que não são todos os Estados, ou multinacionais a explorar estes recursos. Os Estados, ou multinacionais do centro detêm a concentração e centralização económico de gás natural, e outros recursos, enquanto outros Estados, multinacional, mesmo querendo foram excluídas para periferia. Deste modo, como forma de mudar este *status quo*, os da periferia usam a violência para conseguir influenciar, ou controlar estes recursos.

Deste modo, quando o terror visa essencial conquistar os recursos económicos, chama-se fundamentalismo económico. Isto ocorre quando um actor estatal, ou não estatal para conquistar os recursos de outrem actor, usa a violência política, intimidação, exerce acções que visam causar medo. É diferente do fundamentalismo religioso, que visa impor valores religiosos usando o terror, ou violência. Nestes termos, se pode considerar estes ataques como

sendo o fundamentalismo económico, caso o fim ultimo seja controlar o gás natural, ou outro recurso de poder.

2.2.2 Causas Étnicos-Religiosas

A causa etno-religiosas como o próprio termo espelha, divide-se em causas étnicas, e religiosas. As causas étnicas têm a ver com as disputas étnicas existentes no Cinturão de Mocimboa da Praia. Nesta região existem duas etnias, os macondes e os mwanis, que durante muito tempo interagem entre si de forma cordial e viveram em coexistência pacífica no mesmo espaço público, ou até privado.

Não obstante, a cordialidade não significa a ausência de conflitos étnicos entre ambas as étnicas. Desde então, nas correlações de forças entre os mwanis e macondes houve doses de conflitos violentos, mas estes conflitos na essência não são por causa das diferenças existentes entre eles, apesar de este factor ser o mais visível quando se trata de conflito desta natureza, pois os membros do grupo étnico, naturalmente procura a diferença entre nós e eles.

Mas esta diferença entre nos, e eles, isto é, entre macondes e mwanis não são um factor cabeludo de conflito, mas a privação relativa, insatisfação das necessidades básicas, as desigualdades são determinantes para aversão. Em relação a privação relativa, os mwanis são considerados como autóctones, ou nativos do Cinturão de Mocimboa da Praia, enquanto os macondes percebidos como autóctones, ou nativos do continente, neste caso do planalto. Isto não constitui privação, mas surge a privação a partir de momento que há uma percepção de que os macondes estão a ter poder económico e políticos, que os nativos do Cinturão de Mocimboa da Praia.

Este sentimento de privação relativa, agudiza-se na medida que os membros do grupo vão tendo dificuldades de conseguir recursos para a satisfação das necessidades básicas. Quando há insatisfação das necessidades básica, como habitação, agua, e alimentação, e não menos importante, quando a auto-estima do grupo étnico mwani torna-se baixo, em relação aos macondes que tem uma auto-estima alta, por serem percebidos como influentes na esfera política, e económica daquela região.

Todavia, a privação relativa, e a insatisfação a curto prazo não pode ser vista como a causa imediata do terrorismo. Na medida que a experiencia mostra que as pessoas ou grupos podem viver em privação relativa, e insatisfação das necessidades durante anos, ate seculos, mas sem ter que recorrer a violência, ou terrorismo. Apesar de a insatisfação das necessidades

básicas, provocar frustração, a ideia de agressão não vem a prior como solução, mas a agressão pode ser construída pelos líderes locais, ou forasteiros. Onde os membros das comunidades locais vão apreender as táticas de violência, para poder eliminar a influência do outrem na região.

Em relação aos factores religiosos tem a ver com o choque civilizacional entre os cristão e muçulmanos no Cinturão de Mocimboa da Praia. No litoral do Cinturão de Mocimboa da Praia, a maioria da população professa a religião islâmica, situação que tendeu a mudar devido o êxodo rural dos macondes para aquela região. Alias, a maioria dos mwanis são muçulmanos, e os maconde são grande parte católicos, assim a chegada dos cristãos, neste caso a chegada massiva dos macondes mudou a configuração demográfica, passando assim a região a ser também de predominância crista

É neste contexto das diferenças religiosas entre cristão e muçulmanos, por outro lado as diferenças entre os macondes e mwanis, que este movimento terrorista encontra um terreno fértil, para implantar terror. O movimento, encontrou um terreno para lograr seus interesses em nome do islão, e podendo em nome dos mwanis. Na verdade as diferenças étnicas, e religiosas não são em si, um factor para o terrorismo, até que todas religiões promovem a paz, mas a sua instrumentalização leva ao terrorismo. Os terroristas mobilizam as pessoas na base religiosa, ou étnica pois a identidade para além de ter uma visão sociológica, ela per si está enraizada na mente das pessoas, e facilmente se pode mobilizar alguém na base da sua identidade.

Assim, se o fim ultimo destes ataques serem a imposição de islão ao longo do Cinturão de Mocimboa da Praia. Este movimento tem na essência o fundamentalismo religioso, em particular islâmico, porque o movimento usa o terror, isto é, intimidação, taticas de medo, ou actos que visam infringir, ou causar dor com vista a tornar a região do cinturão com predominância do islamismo.

2.2.3 Políticos

As causas politicas tem a ver com a conquista, ou controlo do poder politico. Normalmente, há uma percepção generalizada no pais, de que para ser rico, ou atingir o bem-estar deve ser politico. Neste caso, vários segmentos sociais, políticos e económicos procuram conquistar o poder central, o mesmo conseguir alguns assentos no Parlamento para poder alcançar alguns privilégios e imunidades. Como o poder é recurso escasso, esta escassez leva o surgimento de desempregados políticos, culminando disputas entre diversos actores para o seu controlo.

Deste modo, a ideia de privação relativa não é somente vista como sendo económica, mas também política. Quando, há partidos políticos, ou outra força viva percebe que apesar de ser aborígine da região, não ocupa posições cimeiras no governo local, ou mesmo a nível central, isto provoca também privação relativa. Como se ilustrou acima, a privação relativa não pode ser vista como sendo, causa unitária de uma efervescência terrorista, pois um partido político, ou grupo pode viver sendo privado, por muito tempo, mas sem manifestar violência.

As desigualdades não podem ser vistas na vertente económica, mas também políticas. As desigualdades políticas ocorrem quando que controla o poder local, ou central é apenas um grupo, excluindo outras forças vivas. A outra força viva não significa que não têm algum poder, mas elas subordinam-se a elite dominante. Entretanto, percebe-se que a elite dominante naquela região seja os membros do partido Frelimo, em relação as outras forças viva.

No cinturão de Mocimboa da Praia, estas desigualdades implicam o nascimento de um centro e uma periferia. O centro constituído por elites políticas, e burocráticas, que vivem em condições de bem-estar favorável, nas zonas urbanas ou periurbanas e, uma periferia constituída por pessoas que não ocupam lugares cimentos no governo local, ou central. Assim sendo, a elite da periferia luta para a desconcentração e descentralização do poder, usando o terrorismo como meio para alcançar estes objectivos.

Não menos importante, O cinturão de Mocimboa da Praia é afectada pelo transnacionalismo que permite o fluxo migratório, tanto de saída e, entrada de pessoas, e material bélico. Nos últimos anos houve muito fluxo de migrantes dos países de grandes lagos, norte de Africa, e Médio Oriente, que buscavam refugio, ou mesmo extrair pedras preciosas, como Rubi. Estes migrantes falantes até de línguas locais, vivendo e se comportando como nativo, devem ter aprovado o poder do Cinturão de Mocimboa da Praia, e também sentido força repelente das instituições do Estado, que nos últimos meses era hostil a garimpo ilegal e, para fazer face a este contexto em armaram-se para poder controlar os recursos de poder da região.

Parece também que mesmo com descentralização e desconcentração do poder, as comunidades locais sentem o vazio de poder, tornando-se susceptível de recorrer a violência política para reclamar de mais poder. No cinturão de Mocimboa da Praia, há várias autarquias municipais, que permite a correlação de forças por via de sufrágio universal, mas parece que este recurso é percebido como não exequível para as elites locais nesta região alcançarem o poder.

Os interesses políticos podem ir para além de disputar posições de poder local, ou central, pode ir no pendor de construção e fundação de um Estado. Entretanto, este movimento, apesar de não ter o conhecimento das suas reais intenções, deve se colocar a ribalta de querer com estes ataques fundar uma entidade com governo, território, e controlo de um povo. A localização geoestratégica faculta isto, mas hoje para ser Estado não basta ter por completos os elementos constitutivos de um Estado moderno, pois é necessário reconhecimento regional, e internacional de outros Estados, e organizações. Assim, se o fim último ser o poder político, não se trata de fundamentalismo religioso, mas sim fundamentalismo político. Ademais, este movimento pode ser considerado como sendo de cariz de fundamentalismo económico, religioso e político.

2.2.4 Económicos

O terrorismo tem raízes económicas, disfarçadas de fundamentalismos religiosos. Nesta perspectiva, os ataques terroristas no cinturão de Mocimboa da Praia visa essencialmente ter o domínio sobre a distribuição dos recursos escassos. Entretanto, este movimento quer ter o poder de decidir sobre a produção dos recursos naturais existentes no cinturão, recorrendo a violência, e aparentemente as causas destas ataques tem um pendor étnico e religioso, enquanto o real interesse é económico (Vilela, 2006⁷).

A principal causa da difusão do terror na actualidade é o sistema capitalista, segregador, elitista e visa apenas à promoção dos mais ricos sobre os mais pobres. Os perpetradores do terrorismo tem normalmente algum capital económico, e para multiplicar este capital usam o terror, porque podem como resultado disso intimidar as pessoas, e o governo para satisfazer os seus interesses. A nível do sistema internacional há sempre jogos implícitos, ou ocultos pelo controlo dos recursos económico, nestes jogos por vezes os actores das relações internacionais estão predispostas a cooperar, ou a usar a tática de terror, para lograr seus intentos (*ibid*).

Por outro lado, a pobreza pode causar terrorismo. Numa situação onde a população, em particular jovens e mulheres estão em situação de pobreza, há vulnerabilidade e riscos de se semear o terror neste espaço, assim o país, em particular o Cinturão de Mocimboa da Praia, está sendo afectada pela crise económica de Estado, o que agudiza cada vez mais a situação de pobreza nas comunidades locais. Ademais, a pobreza cria insatisfação das necessidades

⁷ **Vilela, Sónia** (2016): O terrorismo tem raízes económicas, disfarçadas de fundamentalismos religiosos <http://www.dw.com/pt-br/o-terrorismo-tem-ra%C3%ADzes-econ%C3%B4micas-disfar%C3%A7adas-de-fundamentalismos-religiosos/a-2165836>, consultado no dia 7 de Janeiro de 2018.

básicas, por causa de escassez de recursos como habitação, alimentação, e outros corpóreos e incorpóreos.

Como consequência desta insatisfação, nasce o sentimento de frustração dos jovens desempregado na região, estendendo-se para um pouco de todo país. Os terroristas, aproveitam-se desta situação para agudizar mais frustração destes, e incitar para a violência. Até há relatos de que alguns membros deste movimento recebem um salário, ou subsídio em meticais, e dólares como forma de continuar com a sua lealdade ao grupo. Este facto, vem confirmar que a religião não é suficientemente fonte de mobilização para a violência, as causas geoestratégicas, e políticas são ímpeto para o terrorismo no Cinturão de Mocimboa da Praia.

2.2.5 Fragilidade Institucional do Estado

A fragilidade das instituições do Estado, assim como a ausência destas instituições em alguns pontos nevrálgicos contribuíram para a implantação deste movimento. A fragilidade institucional, fala-se no sentido alarga da coisa, como um exército republicano, e profissional em formação, a não presença das entidades estatais em espaços públicos, e privados, recursos económicos e financeiros deficitários, a corrupção selvagem, a impunidade dos actos extras leis.

Nesta situação de fragilidade, os actores encontram um terreno frutífero para semear terror, e colher dividendos. *A corrupção selvagem*⁸, é um fenómeno que coroe o Estado, por dentro e fora, colocando em causa a soberania nacional. Os titulares de órgãos do Estado, o burocrático, aquele que devia defender os interesses supremos do Estado, em vez de cumprir com este dever deixa-se corromper por pessoas que atravessam as fronteiras limítrofes nacionais, sem no entanto pesquisar o comportamento, e os reais interesses destes, tudo por dinheiro.

Os teóricos de dependência defendem que as elites dos países do centro, corrompem as elites políticas das periferias. Neste caso, as elites da periferia aliam-se as elites do centro, para juntos explorarem os recursos de Estado, sem no entanto existir observação, e cumprimento da lei. Tratando-se de uma elite política dominante, e influente dificilmente as instituições do Estado agem para repor a legalidade.

⁸ O Autor percebe a **corrupção selvagem**, como sendo o acto de desviar os recursos públicos, ou mesmo usar os recursos públicos para interesses privados sem medo de punição ,ou remoço das suas consequências. Corrupto selvagem, em vez de administrar as rédeas de desenvolvimento paz e segurança do país, administra manobras de corrupção.

A fragilidade do Estado por exemplo, cinge-se pelo facto de não se ter um Estado presente em todo território nacional, principalmente nas fronteiras lacustres, marítimas, aérea, até terrestres. A não presença de símbolos nacionais, instituições físicas, e agentes do Estados nestes espaços permite que os movimentos importem/exportem armas do mercado negro, ou mobilizem regionais, e internacionais, sem barreiras.

2.3 Consequências do Terror no Cinturão de Mocimboa da Praia

As consequências são estruturadas em segurança humana, segurança nacional, e segurança económica

2.3.1 Segurança Humana

A segurança humana tem a ver com as implicações dos ataques deste movimento na vida, e Direitos Humanos das pessoas. Este movimento coloca em causa a segurança alimentar das pessoas, porque destrói os campos de produção agrícolas, provocando as dificuldades das pessoas no acesso a alimentação para a sua sobrevivência. Mulheres, crianças, e homens deixam suas comunidades a procura de paz e segurança.

A segurança pessoal das populações está sendo ameaçada, pois o movimento elimina as vidas dos indivíduos, e faz torturas físicas e psicológicas as suas vítimas civis, e militares. As populações são obrigadas a converter para o islão, ou submetidas a aprendizagem dos valores islâmicos a força, ameaçando assim a segurança e protecção *societal*, e cultural das comunidades locais.

2.3.2 Segurança Económica

Como resultado dos seus ataques, a empresa petrolífera Wentworth, que está a realizar prospecção na zona, anunciou aos investidores em Novembro que adiou algumas operações ligadas à abertura de um novo furo devido aos incidentes. Os ataques motivaram a transferência preventiva, com recurso a helicópteros, de pessoal de empresas ligadas a investimentos de gás natural na região.

Em algum momento, estes ataques podem colocar em causa a segurança energética, podendo não ser real, mas é perceptível . A prospecção destes hidrocarbonetos podem estar em causa, uma vez que apesar delas ocorrem no mar, têm grande logística no continente, alias este movimento poderá ter embarcações, ou um poder naval que pode destruir as infra-estruturas de gás natural.

O movimento perpetuou um ataque ao Posto Administrativo de Ulumbi, no Distrito de Palma, precisamente a zona onde foi feita a única perfuração em terra, na pesquisa de petróleo, pela canadiana Anadarko. Ademais, foi precisamente ao nível das multinacionais, que esta incursão com características terroristas, causou maior pânico, pelo que a região já deverá andar no radar das “empresas-tubarão” de segurança pessoal e a instalações estratégicas, para aí se instalarem e protegerem as petrolíferas e respectivo pessoal.

2.3.3 Segurança Nacional

Como se discutiu no primeiro capítulo, o terror, ou terrorismo não é uma pessoa singular, ou colectiva, mas é o é um método que consiste no uso de violência, física ou psicológica, por indivíduos, ou grupos políticos, contra a ordem estabelecida através de um ataque a um governo ou à população que o legitimou, de modo que os estragos psicológicos ultrapassem largamente o círculo das vítimas para incluir o resto do território. Entretanto, uma pessoa singular ou colectiva é considerada de terrorista, por usar este método.

Realmente este movimento coloca em causa a paz, a integridade territorial, desenvolvimento, unidade e soberania nacional. Coloca em causa a paz, pelo uso de violência política, o terror para alavancar seus interesses. A integridade territorial, pelo facto de ter interesse político de fundar aparentemente uma entidade supranacional na região. Unidade nacional, porque basear-se em mobilização das diferenças socioculturais, e religiosas para o terror, soberania pelo facto de impedir a governabilidade do Estado nos territórios por eles controlados. Assim sendo, este movimento realmente coloca em causa a segurança nacional.

2.4 Ofensiva das Forças Armadas de Defesa e Segurança contra o Terror

O comandante em chefe das FADS, enviou a força paramilitar a Polícia da República de Moçambique (PRM) e as Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM). Portanto, nestas operações a PRM é que assume o protagonismo em relação as FADM. Quais as razões deste protagonismo da PRM? Percebe-se que é devido a natureza do terrorismo, cujo modus operando confunde-se com a guerra de guerrilha, onde os ataques são indirectos, de curta duração, e baixa intensidade, logo submeter as FADM no campo das operações seria desgastante, tendo em conta esta natureza do terrorismo.

Ora, em relação aos ataques indirectos, normalmente este movimento não ataque directamente as posições das FADS, mas atacam barbaramente os civis, para intimidar em escala seu alvo principal, o governo. Em relação aos ataques de curta duração, estes movimentos atacam como um relâmpago (trovoada), cujas operações duram minutos, ou

segundos. E em relação a intensidade dos ataques, são normalmente de baixa intensidade, isto é, sem uso de grande poder de fogo bélico. Ademais, juntando todos estes elementos, tornaria desgastante, a mobilização das FADS, deixa-los como o protagonista.

Não obstante, o não protagonismo das FADM não significa a sua exclusão na liderança contra o terror em Mocimboa da Praia. Nem sempre, os ataques destes movimentos são indirectos, de baixa intensidade e curta duração, as vezes o movimento desencadeia manobras cuja a ideal resposta vem mesmo de colocar as FADM no terreno. Assim, é necessário a combinação de forças para combater o terror no cinturão de Mocimboa da Praia.

Ofensiva diplomática. SADC, ainda não tomou uma posição pública relacionada com os ataques deste movimento, mas o presidente da Republica, deslocou-se a Tanzânia, e mais recentemente o Zimbabwe a procura de entendimento sobre este fenómeno. Ademais, avança-se também uma parceria tripartido, envolvendo Moçambique, Malawi e Tanzânia para conter este movimento.

Os Estados membros de SADC, estão conectados por acordos de segurança colectiva, que permite a organização intervir em prol de defesa e segurança de um Estado membro em caso de agressão e invasão. Entretanto, o Estado agredido deve solicitar a pronta intervenção deste organismo, pois reveste-se de soberania, o que significa a dimensão e intensidade de reacções da SADC depende mais do ensejo de Moçambique.

CAPITULO 3: A ORIGEM DO TERROR NO CINTURÃO DE MOCIMBOA DA PRAIA

Neste capítulo estuda-se as reais origens do terrorismo no Cinturão de Mocimboa da Praia. O autor volta mais para trás do presente para compreender o princípio de terror começando: Período de Penetração Mercantil, Ocupação efectiva, e pós independência.

3. 1: Período de Penetração Mercantil

Os vestígios do terror no Cinturão de Mocimboa da Praia são visíveis no período de penetração mercantil, entre o seculo XI / XV, e XV/XIX. Em relação o período ao período entre o seculo XI/XV dá-se a penetração dos comerciantes árabe-islâmicos na Costa Oriental de Africa, que atracavam também na ao longo da costa do Cinturão de Mocimboa da Praia. Neste período, dá-se primeiro uma expansão de Iraque, naquele tempo o império abássida é que se mais notabilizou na região. Assim, muitos nativos de litoral de Cinturão de Mocimboa da Praia foram para o Iraque, onde trabalhavam nas plantações como escravos, e eram submetidos a aprendizagem do islão.

Neste período não se evidencia disputas religiosas entre os Árabes - islâmicos e a população nativa do cinturão. As populações aborígenes capitavam os valores islâmicos, sem oferecer resistências a mudanças. Explica-se este facto porque nas comunidades africanas, ainda não havia uma base ideológica, e de crenças fortes, pois estes eram idolatras, e tinham vários deuses, os seus antepassados, relativamente aos mercadores árabes, eles já tinham o islão que é um sistema de crenças uma base solidas, e reverente a um único deus.

Ademais, parece que a população do litoral do Cinturão de Mocimboa da Praia não foi com recurso a violência, intimidação e medo submetida ao islão. Mas enquanto, ocorria o processo de islamização ocorria também a expansão do comércio dos árabes na região. Os mercadores árabes traziam porcelanas, e tecidos para o Cinturão de Mocimboa da Praia, em troca de marfim, ouro e outros recursos de trocas (Macagno, 2007⁹).

É entre o seculo XV e XIX, o terror se notabiliza no Cinturão de Mocimboa da Praia, com a chegada dos Portugueses. Quando os Portugueses chegaram no litoral do cinturão, encontraram pequenos estados islâmicos, vulgo sultanatos, que eram governados por um

⁹ Macagno, Lorenzo (2007): **Islã, transe e liminaridade**. UFSP

leviatã, o sultão. Deste modo, a penetração mercantil portuguesa não foi fácil nestes territórios, pois entraram em disputas territoriais contra os sultanatos, que serviam de ponte com as rotas de comércio para o Médio Oriente.

Neste contexto, os sultanatos e os portugueses recorrem ao terrorismo para dominar as terras do Cinturão de Mocimboa da Praia. Os Portugueses recorriam a missionação do cristianismo, convertendo os islâmicos em católicos, por outro lado os sheiques do cinturão procuravam a todo custo, com intimidação, ameaças e violência impedir a penetração mercantil, e o cristianismo português. Alguns anos mais tarde a povoação muçulmana era considerada destruída. Como resultado da ofensiva militar e da concorrência comercial dos portugueses, alguns dos núcleos islâmicos mais antigos e importantes quase desapareceram (Lobato, 2012:7).

Ademais para evidenciar os vestígios terrorismo no Cinturão de Mocimboa da Praia no período de penetração mercantil Lobato (2012:7) ilustra o seguinte:

Frei João dos Santos conta que ele próprio em 1570 incendiou uma mesquita onde estava sepultado um notável local, Mwana ou Muinhe Muhammad, que o dominicano conheceu em vida e que, depois de morto, passara a ser venerado como santo tornando-se alvo de um culto pessoal

No entanto, em certas regiões, o advento dos portugueses parece ter interrompido a islamização que aí progredia em ritmo lento. A chegada dos Portugueses não interrompeu a islamização, mas sim a consolidação de Sultanatos, que funcionavam com Cidades-Estados Islâmicos. O domínio dos Portugueses sobre os Sultanatos deve-se a revolução em tecnologia de transportes, manufactureira, e indústria militar na Europa. A empobrecida comunidade muçulmana sobrevivia com dificuldade enquanto as relações entre cristãos e mouros se crispavam, tendo a tensão culminado em 1570, aquando da destruição da mesquita local por ordem de um frade franciscano ciumento do maior número de muçulmanos que a frequentava. Em resposta, os mouros queimaram cruces em público e causaram alguns danos à fortaleza (Lobato, 2012:7).

Todavia, vê-se que o terrorismo nesta época não é causado por motivos religiosos, mas sim para garantir o acesso ao mercado, e vastos recursos do Cinturão de Mocimboa da Praia. A islamização, assim como a missionação eram um instrumento usado pelos Portugueses, e os

sultanatos para conseguirem ter fácil acesso a especiarias como ouro, marfim, e escravos. O fim último destes actores era controlar os recursos naturais, e o comércio de escravo, mas os meios usados para chegar a este fim, era missionação e islamização, em caso deste método não surtir efeitos recorria-se ao terrorismo.

3.2 Período Colonial

O período de penetração termina no século XIX, marcando o início de ocupação efectiva. Portugal consegue destruir os sultanatos em todo o Cinturão de Mocimboa da Praia, e começa a dominação colonial no seu verdadeiro sentido. Não obstante, a presença efectiva portuguesa o islão não deixou de se expandir na região. Os principais agentes de difusão do islão foram comerciantes árabes, e asiáticos que conectados com as comunidades locais, os nativos lhes transmitia conhecimento de islão. Este processo de difusão do islão não parou mesmo com a ocupação efectiva dos portugueses (Bouene, 1991:124).

Depois da ocupação efectiva, as relações entre a colónia Portuguesa e os líderes muçulmanos foram caracterizadas por coexistência pacífica e relaxamento. Portanto, não havia violência física por ser cristão ou islâmico, como se via no período de penetração mercantil. Alias, Portugal aliou-se aos comerciantes islâmicos, que tinham um forte domínio no comércio com a Índia. Ao mesmo tempo os comerciantes islâmicos tinham a liberdade de fazer o comércio, apesar da dominação portuguesa, talvez seja este motivo que não houve a necessidade de usar o terror pelos ambos lados, uma vez que os comerciantes árabes e cristãos tinham mesmas oportunidades de negócios.

Usando o condicional facto, imagine se o Portugal depois de ocupação efectiva não dá-se oportunidades de exploração de recursos aos comerciantes árabes, islâmicos, judeus, sino asiático, ou seus companheiros europeus, o que aconteceria? Estes actores, principalmente os árabes poderiam se sentir privados destes recursos, porque percebiam que tinham direitos de exploração destes recursos, porque chegaram no Cinturão de Mocimboa da Praia antes dos Portugueses. Enquanto, os comerciantes europeus, e outros actores iriam se sentir frustrados, porque as suas necessidades básicas não estariam sendo satisfeitas, por causa do proteccionismo português. Logo, a havia degenerar violência política contra o governo colonial.

Entretanto, a colónia portuguesa não era favorável a expansão do islão, pois o seu verdadeiro aliado era igreja católica. O Ministro das colónias, João Belo publica o decreto 12485, de 3 de Outubro de 1926 no qual permitia o ensino da língua portuguesa e cristianização nos

espaços públicos, em vez do islão. No dia 7 de Maio 1940, é assinado um tratado entre a igreja católica e o Estado português, que dava direitos exclusivos a igreja de evangelizar nos espaços públicos. Mesmo com estes decretos, Portugal não conseguiu repelir o islão, pois em 1962, o Atlas Missionário Português indicava uma cifra de 800 mil "islamizados" que superava, pois, a quantidade de católicos (657.871).

3.4 Período Pós-independência

Nos primeiros anos de independência, o governo procurou manter uma coabitação pacífica com as confissões religiosas, hostilizando apenas chefes religiosos que mantinham colaboração com o governo colonial. Este facto, muda a partir de momento que se configura, logo após o congresso de 1977, o III congresso da FRELIMO, onde acentuaram-se as rédeas do marxismo – leninismo que na essência é anti-religioso (Bouene, 2011: 126). Esta política anti-região proporcionou a emergência de terror, pois a religião crista, e islâmica de forma não declarada começavam a apoiar a Renamo. A política leninista proibia o ensino de islão, a ida a meca, frequentar madrastas, e vestir cofio, não menos importante não se tolerava os *Sheiques*, e o mesmo acontecia com a igreja católica era vista como apoiante do colonialismo

Foi neste contexto de fundamentalismo religioso, que o governo percebeu-se antes que o pior acontecesse que devia mudar o cenário. Em 1980, no contexto do conflito armado com a renamo o governo construiu uma política de enquadramento das confissões religiosas, onde criou-se o departamento dos Assuntos religiosos, que dava livre professa de igrejas, independentemente de ser islâmico, cristão ou judeu. Em 1981, o governo pede a um grupo de líderes islâmico para criar o Conselho Islâmico, e também o Conselho Cristão. Entretanto, no IV congresso de 1989, recoloca-se mais a liberdade religiosa, permitindo-se que um muçulmano conquista posições no governo, parlamento.

Segundo Caetano (2004¹⁰), foi neste contexto de liberdade religiosa que aumentou a vontade de alguns muçulmanos em querer influenciar a vida económica e política, em particular político-partidária de moçambique:

Em Moçambique, cristãos e muçulmanos habituaram-se a viver lado a lado, num espírito de respeito e entreaajuda. Mas ultimamente estão a surgir sinais de intolerância. Que têm a ver com os «shehes » formados no Sudão, e com as

¹⁰ <http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEFZppyVIZtDkAOcXI>, consultado no dia 3 de Janeiro de 2018.

manipulações partidárias, com o poderio económico dos empresários de origem indiana e paquistanesa

Segundo este artigo publicado em 2004, de Caetano (2004¹¹) defendia que:

“O perigo é potenciado pelo aumento do recrutamento de jovens muçulmanos moçambicanos que vão fazer os seus estudos islâmicos em Sudão. Está assim a nascer um grupo de «teólogos locais» com formação no exterior e que, consoante a corrente em que foram formados, se tornam instrumento da introdução de novas tendências. Não podemos excluir a hipótese de que estes novos «teólogos», que já constituem «famílias de estrita observância islâmica», venham a ser, cedo ou tarde, um poderoso veículo das ideias fundamentalistas”

Um outro perigo reside na instrumentalização/manipulação política do islão e dos muçulmanos. De facto, em Nacala, região onde vêem grande parte de jovens deste movimento que perpetua ataques no Cinturão de Mocimboa, já houve momentos de se ter mesquitas chamadas da Frelimo e da Renamo. Porque o chefe de cada mesquita incita, quando não constrange, os seus fiéis a alinhar na formação política de que faz parte. Deste modo, as rivalidades políticas muito facilmente se transformam em rivalidades religiosas: quando, em 2002, os cristãos organizaram uma oração inter-religiosa para celebrar os 10 anos de paz, muitos muçulmanos não compareceram, porque não podiam estar ao lado de um muçulmano doutro partido político.

Todavia, três factos são necessários reter quando se fala da relação entre a religião e economia, e ambas com a política no período pós independência. Primeiro depois da independência a igreja católica desligou-se completamente da economia, isto é, com mercadores (capitalista), e perdeu a sua influência política dentro das instituições do Estado. Ao contrário disto, o poder económico da comunidade muçulmana cresceu, e conseguintes as mesquitas expandiram-se em todo o país, em particular no Cinturão, esta consegue ter grande influência política nas suas relações com o Estado o outro facto, é que na medida que se expande o poder económico da comunidade muçulmana, também se expande as mesquitas, isto é, a ascensão do poder económico, é acompanhado pela penetração religiosa.

¹¹ <http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEFZpvyVIZtDkAOcXI>, consultado no dia 3 de Janeiro de 2018.

A expansão de uma religião no país não constitui nenhum problema, o problema surge na promiscuidade entre a religião-economia-política, este facto é universal para todas religiões. Quando os líderes religiosos aprovam a doçura do poder político, dificilmente regressam para as suas religiões, como sendo apenas religiosos, mas tornam-se políticos. Tornando-se político, significa que vai aspirar o poder, e pode usar os recursos que tem ao seu dispor, neste caso a religião para conquistar este poder.

E quando os líderes religiosos se tornam empresários, não havendo uma separação entre a religião e a economia. Estes líderes religiosos que se tornaram empresários irão aprovar os vícios de economia, como lutar para controlar e distribuir os recursos escassos, ou mesmo lutar para obter lucros, e altos rendimentos. Portanto, quando não alcança estes objectivos económicos podem ficar frustrados, e como forma de manifestar este sentimento de frustração pode usar o terror, para satisfazer seus apetites.

Como os teóricos do estruturalismo económico defendem a religião é um instrumento de capitalismo económico global, assim como da dominação política global, neste caso a religião é por vezes opio da sociedade, mas também pacificadora. A religião como sendo instrumento do capitalismo económico global, significa que os capitalistas, como os comerciantes, donos de grandes industria, e banqueiros usam a religião para poder penetrar nos mercados, ou fomentar divisões para depois eles virem ocupar e controlar estes territórios. Assim sendo, o terror não tem como fim último promover a religião, mas a religião é um meio para conquistar ou consolidar novos mercados.

Não menos importante, desde a independência os macondes cristão estão a sair do planalto para se fixarem em Mocímboa da Praia e Palma, regiões que antes era predominantemente mwani islâmica. Este êxodo, outrora provocou lutas entre Macondes e Mwanis pelo controlo de terras férteis. Deste modo, os Mwanis muçulmanos e os Macondes católicos envolveram-se muitas vezes em conflitos nas margens do Rovuma perto da foz do rio. Na década 80, Terras férteis e apropriadas para arroz arrastaram cultivadores dos dois lados /Macondes e Mwanis para conflitos. O governo, junto com a OXFAM do Reino Unido (Grã-Bretanha) desenvolveu vários projectos em Palma tentando criar algum tipo de relação harmoniosa entre os dois grupos na utilização dos arrozais.

Por fim, mesmos estes conflitos entre macondes cristão e mwanis muçulmanos, não tem como causas religiosas, mas sim é motivada mesmo por motivos mercantis. Talvez, no contexto de exploração de gás natural, onde os macondes cristãos têm grande influência em

relação aos mwanis muçulmanos, que foram desalojados para dar lugar a prospecção destes recursos, seja um terreno fértil para este movimento instrumentalizar as comunidades locais para o terror. Deste modo, o terror sempre esteve presente no Cinturão de Mocimboa da Praia, desde o período de penetração mercantil até o pós independência, e em todos estes períodos o terror está associado ao mercantilismo ou capitalismo, e não necessariamente a religião.

Por fim, o autor conclui que o terror no cinturão de Mocimboa da Praia, deve ser percebido como um fenómeno enraizado no sistema capitalista global. Este processo começou desde a época de penetração mercantil, até a época de hoje onde há um pluralismo de actores estatais e não-estatais que procuram proteger e promover os seus interesses na região do Cinturão de Mocimboa da Praia. Não se trata de fundamentalismo religiosos, mas sim fundamentalismo económicos, em coberto de motivações religiosas, assim como no período de penetração mercantil onde se usava a capa de religião para controlar marfim, ouro, escravos, e outros recursos.

Conclusão

Em linhas gerais, o terror no Cinturão de Mocimboa da Praia não é um facto de hoje. Os vestígios do terrorismo são constatados desde o período de penetração mercantil, árabe e portuguesa, depois estendeu-se para o período de ocupação efectiva, e no pós independência. Em todos estes períodos os interesses mercantilistas, e do capitalismo económico global é que incitaram o terror, mas a religião esteve sempre na cobertura destes interesses.

O terrorismo não é uma pessoa singular, ou colectiva, mas é tática ou método caracterizado por violência, intimidação e medo, que visa alcançar os objectivos geoestratégicos, políticos, económicos, e etno-religiosos de um determinado grupo. No período de penetração mercantil, os árabes chegaram no litoral do Cinturão de Mocimboa da Praia, onde submeteram a população local aos costumes árabes, e religião islâmica, e quando os portugueses chegaram, encontraram os árabes, e muçulmanos já enraizados nas populações locais, começando assim o terror usados pelas ambas as partes para o controlo dos recursos estratégicos da região.

A colonia portuguesa conseguiu dominar a região, e logo de seguida começou a desmantelar os sultanatos, usando a violência politica para o controlo da região, e ao mesmo tempo expandia o cristianismo. A ocupação efectiva não conseguiu destruir o islão, mas conseguiu destruir as Cidades-Estados, chamados por sultanatos, e só depois começou a coexistência pacífica entre os portugueses e os líderes árabes e islâmico da região. Deste modo, a religião sempre foi um instrumento para os Árabes, e também os portugueses conseguirem penetrar no mercado local de escravos, ouro e marfim.

No período pós independência, o Estado distancia-se da religião, e começa a excluir a elite mercantilista, e capitalista islâmica, crista, e outros seguimentos religiosos da vida politica e económica do Estado. Entretanto, esta situação permitiu que as comunidades locais islâmicas, e crista comesçassem a agir a liberdade religiosa, e conseguintes começaram a olhar a Renamo como sendo um meio para chegar a este ensejo.

Assim o Estado dentro das correlações de forças com as religiões concedeu a liberdade religiosa a todos grupos religiosos. Entretanto, os comerciantes islâmicos começaram a ter grande influência na máquina politica, e económica do Estado, relação a igreja católica que era percebida como aliado do colonialismo. Foi neste contexto de apogeu económico, que os mercantilistas islâmicos começaram a expandir empreendimentos económicos, ao mesmo tempo que também expandiam a religião. Expandir a religião não constitui algum problema, mas as coisas começam a ficar desalinhas quando começa a existir uma promiscuidade

entre a religião e a economia, e estas duas com a política. Esta promiscuidade leva as elites religiosas a usarem a religião para fins económicos, e de seguida para alcançarem fins políticos.`

Bibliografia

Augusto, Carlos (2018) : *A Emergência do Terrorismo no Cinturão de Mocimboa da Praia*. 2ª Edição.

Bouene, Felizardo (2011): *Mocambique: Islão e Cultura Tradição*. CEA-UP.

Caetano, Alex (2004): *Moçambique: Sinais de um islão menos tolerante*<http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEFZpyyVlZtDkAOcXI>, consultado no dia 3 de Janeiro de 2018.

Machado, Luiz Toledo (1999): *A teoria da dependência na América Latina*. EA

Oliveira, Ariana (2011): *Seguranca Humana: Avanços e Desafios na Política Internacionais*. Brasil.

Pecequilo, Cristina (2004): *Introdução as Relações Internacionais: temas ,Actores e Visões*. Editora Vozes:Petropolis.

Dicionario Consulta (2017): *Conceito Terrorismo*<https://conceito.de/terrorismo>, consultado no dia 1 de Janeiro de 2018.

Dicionário Significado (2017): <https://www.significados.com.br/terrorismo/>, consultado no dia 1 de Janeiro de 2018.

Fernandes, Cláudio (2016): *Fundamentalismo*
<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/filosofia/fundamentalismo.htm>, consultado no dia 2 de Janeiro de 2018.

Silvestre, Armando (2017): *Fundamentalismo*,
<https://www.infoescola.com/religiao/fundamentalismo/>, consultado no dia 4 de Janeiro de 2018

Pastore, José (2017): *As Elites e as Massas no Brasil*,
http://www.josepastore.com.br/artigos/pi/pi_024.htm, consultado no dia 5 de Janeiro de 2018.

Hurrer, P (2016): *Teorias sobre Agressão*,

<https://ratioetvita.blogspot.com/2016/03/teorias-sobre-agressao.html>, Consultado no dia 3 de Janeiro de 2018.

Lobato, Manuel (2012): *Entre Cafres, Muzungos, Missionação, Islamização e Mudança de Paradigma Religiosa n o Norte de Mocambique*. IICT